

SALVAR DO ESQUECIMENTO: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NAS CERIMÔNIAS DE RECEPÇÃO DE EMBAIXADA SOB OS REINADOS DE CONSTANTINO VII (913-959) E ALEIXO I (1081-1118)

LEONARDO DA SILVA LOPES¹; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – leonardo.lopez@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A porção oriental do Império Romano, conhecido como Bizâncio, ao longo de seus mais de mil anos de existência, foi marcada pela utilização de cerimônias na sua lógica imperial, centralizadas na figura do *basileus* e permeadas pela religião cristã. Com o passar dos séculos, o espaço cerimonial bizantino tornou-se um modo de reforçar a posição de poder dos governantes através de serviços religiosos, eventos esportivos e rituais de corte. É nesse sentido que Herrin (2001, p. 114-115) indica que a *basileus* Irene de Atenas (c.752-803) buscou legitimidade para reinar, após desvincular-se de figuras masculinas da dinastia Isaura em fins do século VIII. Nesse sentido, Irene passou a projetar-se como a figura central do império através do aspecto cerimonial da política bizantina, colocando-se à frente de comandantes do exército e de líderes religiosos.

O desenvolvimento das cerimônias em Bizâncio deve ser compreendido a partir da utilização dos diferentes prédios da capital imperial, como a *Hagia Sophia*, o Hipódromo e, nos termos de J. Michael Featherstone (2014), o espaço cerimonial mais relevante de Bizâncio entre os séculos IV e XI, o Grande Palácio de Constantinopla. O palácio consistia em um vasto complexo com diferentes estruturas, como a praça cerimonial (*Agustaion*), o Portão de Bronze (*Chalke*), o Salão Dourado (*Chrysotriklinos*) e o Grande Salão da Magnaura.

Para Averil Cameron (1987, p. 109-110), qualquer tentativa de definir a cultura bizantina deve levar em consideração o *Livro das Cerimônias* (*De Cerimoniis*), escrito no século X, cuja compilação é atribuída ao *basileus* Constantino VII da dinastia Macedônica, que tinha por objetivo salvar do esquecimento o complexo ritualístico imperial. De acordo com Featherstone (2014, p.587), esta obra é o mais importante registro escrito para compreender a maneira como o Grande Palácio é utilizado no processo cerimonial bizantino. O *De Cerimoniis* consiste em uma coletânea de cerimônias de corte e foi escrito com a concepção de garantir a continuidade da tradição, uma vez que a maioria dos rituais descritos possui suas raízes nos séculos IV e VI. Para Cameron (1987, p. 110), o *Livro das Cerimônias* representa uma visão conservadora da sociedade bizantina, que busca no passado a legitimação para o presente. Porém, ao mesmo tempo que representa um reavivamento deliberado da tradição, a obra não pode ser desvinculada do contexto em que foi escrita (CAMERON, 1987, p. 110). Esse desejo de retomar a grandeza do passado relaciona-se com as tentativas da dinastia macedônica, a partir de Leão VI e Constantino VII, de garantir a sua autoridade a partir do desenvolvimento intelectual e do conhecimento (MAGDALINO, 2016).

Como indica Featherstone (2014, p. 597), por mais que muitas das cerimônias descritas eram já obsoletas no século X, a partir da leitura de fontes do mesmo período produzidas por outros grupos, como árabes e latinos, identificamos que os protocolos reais das cerimônias de recepção de embaixada

são idênticos aos descritos na fonte. Essas cerimônias são pensadas de maneira a exaltar a figura do *Basileus*, mas além disso, funcionam de maneira a garantir a autoridade imperial perante os enviados estrangeiros. Portanto, são cerimônias pensadas para exibir os símbolos de poder imperial, como a coroa, cetro e trono, bem como as indumentárias dos membros do senado e da administração imperial. No *De Cerimoniis* são descritas as recepções de emissários muçulmanos vindos de Tarso, em guerra com Bizâncio à época, e a da comitiva de Olga de Kiev, provavelmente quando esta foi batizada na religião cristã.

Contudo, mesmo considerando a longevidade da obra de Constantino VII, é possível questionar se os protocolos de realização de cerimônias, particularmente as de recepção de embaixada, mantiveram-se inalterados nos séculos seguintes. É com esse questionamento em mente que parte o objetivo deste trabalho, que consiste em identificar se há continuidade nos protocolos de realização das cerimônias de recepção em Bizâncio, tendo em vista os seus objetivos e o impacto diplomático. Com estes elementos em mente, identificamos que, pouco mais de um século após a morte de Constantino VII, Bizâncio passava por um grave desafio que somente seria resolvido através da diplomacia; a Primeira Cruzada (1096-1099). Naquele contexto, o *basileus* Aleixo I Comneno buscou trazer individualmente para Constantinopla os líderes cruzados para que juramentos fossem-lhe prestados sem a ameaça de ataques e saques. Estes acordos foram formulados no sentido de garantir a proteção do império e manter a posse de quaisquer territórios considerados gregos que fossem conquistados pelos cruzados latinos, como Nicéia e Antióquia.

A principal fonte documental para compreender este período em Bizâncio é a crônica escrita pela princesa Ana Comnena, chamada *Alexíada*, produzida entre 1143 e 1153 com o objetivo de enaltecer a figura de Aleixo I. Este material difere do *De Cerimoniis* no que se refere aos objetivos de escrita. Porém, em diversos momentos da crônica, Ana descreve como se deram os encontros entre o pai e os líderes latinos e seus emissários.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa busca identificar as permanências e rupturas nas cerimônias de recepção de embaixada em Bizâncio a partir da análise comparada de dois conjuntos de recepções, presentes em fontes distintas em temporalidade, contexto e objetivo de escrita; o *De Cerimoniis* (CONSTANTINO VII, 2012) e a *Alexíada* (ANA COMNENA, 2009).

Com base nas perspectivas de Jürgen Kocka (2014), a comparação desenvolvida baseou-se nos seguintes parâmetros: o protocolo de execução das recepções; as implicações diplomáticas relacionadas às recepções; e o papel e os objetivos da participação do *basileus* nestes rituais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As primeiras recepções analisadas estão descritas no *Livro das Cerimônias*, no capítulo sobre recepções de diplomatas, e são relativas à visita de emissários muçulmanos vindos de Tarso em 946 sob ordem do Califa de Bagdá, em busca de um acordo de paz e troca de prisioneiros (CONSTANTINO VII, 2012, p. 570-592), e a visita de Olga de Kiev à Constantinopla em 957 (CONSTANTINO VII, 2012, p. 593-594). O segundo conjunto de cerimônias analisadas neste trabalho é relativo à passagem dos líderes latinos da Primeira Cruzada

(1096-1099) por Constantinopla, e estão presentes na *Alexíada*, no capítulo em que é tratada a chegada dos cruzados à Bizâncio (ANA COMNENA, 2009, p. 260-296). A partir da análise das recepções de embaixada descritas em ambas as fontes, é possível identificar tanto alterações quanto continuidades no processo de execução destas cerimônias.

A principal mudança no processo é a alteração do espaço cerimonial; enquanto as recepções do século X ocorrem no Grande Palácio, as realizadas sob o reinado de Aleixo I passaram a acontecer no Palácio de *Blachernae*, residência imperial a partir do século XI, localizada consideravelmente longe do antigo complexo cerimonial de Constantinopla. Nesse sentido, observamos uma quebra na tradição ritual em Bizâncio após o período da Dinastia Macedônica, uma vez que a mudança para *Blachernae* prioriza a segurança dos governantes, ao invés da proximidade com o antigo centro cerimonial.

Além disso, observamos que a rigidez na realização das recepções se perde nas cerimônias sob a dinastia Comneno; enquanto que os jantares oferecidos por Constantino VII possuem uma grande formalidade, com uma ordem de entrada e disposição dos presentes específicas, o jantar descrito por Ana Comnena demonstra que os nobres latinos tinham certa liberdade, inclusive para interagir e até ofender o *basileus*, como o caso do cruzado que sentou-se no trono de Aleixo (ANA COMNENA, 2009, p. 305).

Por fim, torna-se importante destacar que há diferenças quanto ao estilo e objetivo das fontes utilizadas nesta análise, causando disparidades na descrição das cerimônias em questão. Enquanto que o *De Cerimoniis* busca narrar as recepções nos seus menores detalhes, no que se refere aos seus protocolos de execução, a *Alexíada* mantém o foco na figura de Aleixo I e na sua relação com os demais presentes. Portanto, há menos detalhes disponíveis sobre as cerimônias do século XI quanto às suas características específicas.

Com relação às continuidades, é possível identificar um elemento principal comum às cerimônias de recepção sob Constantino VII e Aleixo I, a relevância que esta cerimônia possui em ambos os contextos enquanto instrumento da diplomacia. Esta análise vai ao encontro da perspectiva de Jonathan Shepard (1992, p. 50), que indica que a diplomacia bizantina é realizada a partir de meios específicos, entre eles o envio e a recepção constante de emissários e a consequente realização de cerimônias. No caso de Constantino VII, essa relevância é percebida a partir do seu objetivo de reafirmar a autoridade imperial por meio das relações externas, como fica claro pelas publicações atribuídas ao *basileus*, que tratam da administração, da diplomacia e da tradição ritual de Bizâncio (MAGDALINO, 2016, p. 192). Enquanto que sob Aleixo I, por mais que não houvesse o mesmo rigor cerimonial, a utilização de recepções constituiu-se como a principal ferramenta de controle dos exércitos cruzados. Como descrito na *Alexíada*, desde o primeiro momento o *basileus* buscou trazer individualmente os líderes cristãos para a capital imperial, de modo que estes não se unissem contra Bizâncio. De acordo com Peter Frankopan (2022, p. 127), Aleixo I procurou desenvolver uma abordagem mais informal nas recepções aos latinos, justamente com o objetivo de garantir que juramentos para a garantia da integridade do império fossem feitos.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise das duas fontes anteriormente citadas é possível identificar ambas rupturas e permanências nas cerimônias de recepção de

emissários estrangeiros em Bizâncio nos séculos X e XI. Enquanto que há mudanças no espaço cerimonial e na formalidade das recepções, estas cerimônias continuam relevantes no desenvolvimento da administração e da diplomacia bizantina.

Por fim, mesmo considerando os diferentes contextos em que as cerimônias realizaram-se e a disparidade na descrição das fontes analisadas, percebemos que, tanto sob Constantino VII quanto sob Aleixo I, a centralidade da figura do *basileus* nas recepções e a maneira como o soberano pretende ser representado para os emissários estrangeiros permanece.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMERON, Averil. The construction of court ritual: the Byzantine Book of Ceremonies. In: CANNADINE, David; PRICE, Simon R. F. (orgs.). **Rituals of Royalty. Power and Ceremonial in Traditional Societies**. Nova York: Cambridge University Press, 1987, p. 106-136.

COMNENA, Ana. **The Alexiad**. Trad. E. R. A. Sewter, rev. P. Frankopan. Harmondsworth: Penguin, 2009.

CONSTANTINO VII. **The Book of Ceremonies**. Trad. Anne Moffatt e Maxeme Tall. Leiden: BRILL. 2012.

FEATHERSTONE, J. Michael. Space and Ceremony in the Great Palace of Constantinople under the Macedonian Dynasty. **LE CORTI NELL'ALTO MEDIOEVO**, Espoleto, 2014, p. 587-609.

FRANKOPAN, Peter. **A Primeira Cruzada: um Chamado para o Oriente**. Trad. Renato Marques. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

HERRIN, Judith. Irene: the unknown empress from Athens. In: _____. **Women in purple: rulers of medieval Byzantium**. Princeton: Princeton University Press. 2001, p.51-129.

SHEPARD, Jonathan. Byzantine Diplomacy, AD 800–1204: means and ends. In: _____. FRANKLIN, Simon (Ed.). **Byzantine Diplomacy**. Aldershot: Ashgate, 1992, p. 41-71.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. Traduzido por Maurício P. Gomes e Cristina S. Wolff. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n31p279>>. Acesso em: 20 Ago. 2025.

MAGDALINO, Paul. Knowledge in Authority and Authorised History: The Imperial Intellectual Programme of Leo VI and Constantine VII. In: ARMSTRONG, Pamela (Ed.). **Authority in Byzantium**. Londres: Routledge, 2016, p. 187-210.